

Dinâmicas Culturais

*Apresentação por
Maria de Lourdes Lima dos Santos**

O Painel "Dinâmicas Culturais" das VI Jornadas de Comunicação e Cultura, realizadas pelo CIES, integrou três comunicações de alunos finalistas do ISCTE, elaboradas a partir de trabalhos apresentados na cadeira de Sociologia da Cultura: *A Geração de 60 em Portugal* de Rui d'Espiney (com uma montagem em vídeo de documentos de natureza iconográfica, linguística e musical); *A bande desenhada portuguesa* de Alice Andrade, Délia Neves, Elsa Maria e Valdemar Reis (com slides de *fanzines* nacionais, exposição de cartões cedidos pelo Clube Português de BD e participação de três cartonistas); *O campo da tauromaquia em Portugal - lides teórico-práticas* de Luis Capucha (com vídeo documental, exposição de objectos ligados à Festa Brava e demonstrações por elementos do Clube Taurino de Vila Franca).

Na 1ª comunicação, Rui d'Espiney, membro que foi da geração de 60, vem prestar-nos dela testemunho enquanto actor envolvido e enquanto observador. O seu trabalho dá-nos um laborioso mosaico de fragmentos da semiose social que se desenvolvia num tempo e num espaço em que a produção dos discursos se engendrava em condições caracterizadas pela particular violência (física e simbólica) dos métodos disciplinares através dos quais o Estado se impunha como Significante Supremo. A possibilidade de discursos alternativos rarificara-se porque a alternativa é própria do discurso relativizado, crítico e, como tal, a ser banido por um poder que quer e o discurso absoluto. Em condições como essas, pode verificar-se uma interessante redefinição do estatuto dos discursos. Assim não só uma enorme polarização dividiria, entre nós, o próprio campo da cultura cultivada mas a expressão daquela parte que se congregava no pólo de sinal contrário - em geral protegida por uma relativa imunidade enquanto coisa de elites - perderia, ela mesma, a sua legitimidade. Nesta situação, certos discursos da cultura cultivada tornam-se contra-cultura, tendendo a intensificar-se com as culturas dominadas e a partilhar a sua difícil condição.

Na versão escrita desta comunicação perde-se inevitavelmente, a parte do trabalho constituída pela excelente montagem em vídeo mas nem por isso ela deixa de mostrar-nos de um modo muito vivo (até porque vivido) como, a par dos efeitos ideológicos tecidos por um poder autoritário, sempre as suas redes

* Investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e no CIES, docente do ISCTE

vão sendo abaladas pela dinâmica social onde, seja embora penosamente e clandestinamente, sempre se vão elaborando gramáticas de sentido subversivo.

Passando à 2^a comunicação sobre a BD em Portugal, estamos perante um exercício em torno das questões ligadas às mudanças no posicionamento de uma dada produção cultural dentro da hierarquia das legitimidades, segundo um enfoque orientado pelo modelo usado por Boltanski no estudo da BD francesa. Até há pouco situada nos escalões baixos da dita hierarquia, a BD dotou-se, entretanto, de um aparelho que possibilitou a sua transferência se não propriamente para a esfera de legitimidade - onde figuram em maiúsculas a Música, a Literatura, a Pintura, etc. - pelo menos para a esfera do legítimável, para usar a designação de Bourdieu. E, uma vez que as diferentes esferas se subordinam a diferentes princípios de hierarquização, aquela transferência implica uma alteração desses princípios, fazendo com que o sucesso da BD comece a ser aferido por valores similares aos que consagram a produção na esfera da legitimidade (inovação, criação de códigos sofisticados não transparentes para o leitor vulgar).

A BD, portanto, deixou de poder ser indiferenciadamente classificada como produção de objectos simbólicos de grande difusão e ciclo curto, subordinados à repetição com pequenas variações de uma receita comercialmente garantida. Na BD, hoje esse tipo de objectos passou a coexistir com aqueles que usam o tal código relativamente esotérico e inovador e que, por vezes, apostam na marginalidade (como é o caso dos *fanzines* de que se ocupa a comunicação em causa) ou que gozam de um ciclo longo (como é o caso da BD clássica).

Dentro do próprio campo da BD eclodiu, pois, a tensão entre mercados dominantes e mercados dominados - por que formas se desenvolverá esta tensão em Portugal, onde a BD é produzida num mercado que, na sua globalidade, sabemos periférico em relação à BD estrangeira? Esta a questão central a que os autores da comunicação trazem o seu contributo.

Finalmente quanto à 3^a comunicação, ela remete-nos para um objecto de análise também pouco ou nada abordado entre nós - a Festa Brava. A designação tem ressonâncias de ritual pagão que facilmente levam a pensar o espectáculo de toureio como uma sobrevivência da sacração arcaica chegada aos nossos dias. Será, de certo modo, prolongamento de antigas festas populares como o são muitas outras mas a considerar não em termos de estrutura imobilizada, conforme às vezes tende a acontecer com os fenómenos menos ditos de longa duração, não em termos de um modelo de cultura popular pré-capitalista.

A tauromaquia - mostra-nos Luis Capucha, ele próprio um aficionado - aparece hoje constituída como um corpo de especialistas em que produtores e mediadores se tornaram profissionais, como um campo onde diferentes indivíduos ou grupos ocupam objectivamente diferentes posições e onde uma aparente homogeneidade de tomadas de posição (retraduzindo-se no exterior nomeadamente através de uma imagem estandardizada da figura do toureiro)

se explicará pela carência de mecanismos de legitimação que parece afectar uns mais do que outros (por ex., a situação desfavorecida do toureio a pé em Portugal). Entretanto, no interior do campo da tauromaquia desenvolvem-se lutas, procuram-se critérios específicos de legitimação - neste sentido, a reivindicação dos touros de morte pode ser interpretada, perante a crescente comercialização do espectáculo, como uma forma de se opor à sua banalização (inovar significa, aqui, a maximização dos riscos).

Com uma implantação local e regional muito forte, a Festa Brava é um elemento importantíssimo de identidade cultural e uma peça relevante no jogo entre os vários interesses dos numerosos grupos envolvidos - aspecto que nesta comunicação igualmente se considera.

A terminar queria ainda dar conta do agrado com que vejo serem publicados os trabalhos dos alunos finalistas do ISCTE que participaram nas referidas Jornadas, aceitando o desafio de expor publicamente os seus trabalhos - a sua divulgação agora, nesta Revista, é certamente um apoio e um estímulo para os outros desafios que nas suas carreiras se irão seguir.